

■ OPINIÃO

*Economia - Brasil*EDITORIAL*explosão*

A redescoberta da microeconomia

A decisão de investir na atividade produtiva e não em aplicação financeira, em 2004, foi revestida de racionalidade econômica. A rentabilidade média de 113 companhias abertas, de todos os setores da economia brasileira, foi maior que a obtida em investimentos financeiros. No período entre janeiro e setembro deste ano, a recompensa média pelo risco de investir na produção foi de 12,72%. Os Certificados de Depósitos Interfinanceiros (CDI) alcançaram nesse mesmo período 11,72%. O estudo realizado pela Técnica Assessoria do Mercado de Capitais e Empresarial revela também que os ganhos foram ainda superiores no caso a caso das empresas: 21 das companhias analisadas tiveram rentabilidade maior que 20% (80% a mais que o CDI), duas delas maior que 50% e seis superior a 30%. No ar, além da crise nos aviões de carreira, fica a questão: cenário tão favorável à produção, continua no ano que vem?

A análise setorial pode dar consistência a essa resposta. O estudo mostrou que 12 dos 18 setores analisados

obtiveram ganhos superiores à média das aplicações financeiras. Os oito setores que alcançaram os ganhos mais expressivos, por ordem decrescente, foram: mineração, fertilizante, siderurgia, petroquímica, autopeças, alimentos, papel e celulose e bens de capital. A pesquisa privilegiou dois indicadores de desempenho das companhias abertas — rentabilidade patrimonial e variação de lucro sobre variação do patrimônio — revelando o grau de investimento na própria empresa. Ou seja, mostrou quem preferiu

correr o risco de colocar dinheiro no negócio que conhece a emprestar para o banco. O perfil dessa confiabilidade é o que realmente conta: foram os setores com maior capacidade de impor efeito multiplicador na economia que optaram por correr risco de investir no próprio negócio.

É importante mas não é essencial notar que estes foram os setores que

também lucraram mais. A decisão de investir no próprio negócio envolve algumas certezas sobre os rumos maiores da economia. Este é o ponto relevante. O ano de 2004 não foi o primeiro em que a produção ganhou do financeiro. Em 2003, as grandes empresas industriais já alcançaram rentabilidade maior que os bancos. Era o primeiro sinal, mais consistente, de que a economia brasileira poderia estar ingressando em ciclo virtuoso. Grandes indústrias são as primeiras a "notar" que a escalada no número de

pedidos irá construir um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) maior que o previsto, ou que o superávit comercial irá de fato alcançar a meta de US\$ 32 bilhões e, quando percebem que a capacidade de pagamento do governo (a queda da dívida pública em relação ao PIB) está sob controle, decidem investir no próprio negócio. A carteira de pedidos das empresas é o

melhor e mais confiável indicador se o vôo, no horizonte de curto e médio prazos, será de galinha ou de condor.

O desempenho do setor de siderurgia indica, por exemplo, que a demanda por aço plano deve continuar muito aquecida. O perfil dos investimentos demonstra que o setor tem demanda adicional já contratada e nenhuma capacidade ociosa. Não é diferente no setor de bens de capital. A fabricação de máquinas e equipamentos para a construção civil aumentou 38% de janeiro a outubro deste ano, em relação ao mesmo período de 2003. A Sondagem Conjuntural da Fundação Getulio Vargas (FGV), divulgada semana passada, mostrou que o setor de bens de capital é o que tem maior "agressividade nas projeções" para 2005. Consumo de máquinas acompanha o grau de confiança do conjunto de agentes econômicos, incluindo pequena e média empresa. A decisão de compra de máquina nova muitas vezes é tomada por quem só apostou em investimentos financeiros.

A nova metodologia de cálculo do superávit primário, a ser negociada com o Fundo Monetário Internacional (FMI), permitirá ampliar os investimentos em infra-estrutura no ano que vem. Com essa mudança, o Estado terá papel diferente do que representou nos últimos anos. Os agentes econômicos também identificaram esse sinal. Pode parecer paradoxal, mas o comportamento das empresas foi causa e consequência da melhoria da economia neste ano. O motor da mudança no estado de espírito da economia não foi, apenas, o inabalável compromisso com as premissas da estabilidade econômica. Porque os fatores da microeconomia também existem, parcela considerável dos analistas de banco já detectou que a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) deve subir 20% no próximo ano, ultrapassando os 30 mil pontos. E, tal avanço não será feito por quem só aposta em investimentos financeiros.

Para imprimir, enviar ou comentar, acesse:
www.gazetamercantil.com.br/editorial